

CARTA DO RECIFE DO FUTURO PARA O RECIFE DO PRESENTE

Sou a Cidade do Recife. Meu corpo tem história, repleto de marcas e memórias. Rio, mangue e mar foram os primeiros a me formar. Meu nome revela minha origem nas pedras dos arrecifes de arenito que brotam na soleira da porta do mar, ricas de corais, alguns deles só encontrados por aqui.

Sou a capital mais antiga do Brasil, aquela que implantou o primeiro plano urbano renascentista das Américas, como missão pioneira dos holandeses, no século XVII. Em 2037 completei 500 anos. Mas esta não é a minha verdadeira idade. Antes de chegarem os europeus, os nativos já me habitavam e me frequentavam como viveiro de peixes que fui.

Nasci aquática, da mistura de águas doces, salgadas e salobras. Sou fruto direto da relação com meus cursos e corpos d'água. Entretanto, com o tempo, essa relação se inverteu e foram me transformando numa cidade de costas para os rios. As minhas águas doces foram esquecidas e se transformaram em espaços residuais. Nesse processo, minha planície encharcada foi aos poucos secando pelos aterros recobertos de edificações. Esquecer das águas que me originaram trouxe grandes consequências. Eu seria a primeira cidade brasileira a sucumbir com o aumento do nível do mar, caso mudanças substanciais na forma de me compreender, e consequentemente, replanejar, reconstruir e reprojetar não acontecessem. Eu, Recife, era a 16ª cidade mais vulnerável do planeta, segundo o IPCC (ONU), em 2014.

Sempre carreguei uma feição hídrica, e alguns reconheciam isso. Josué de Castro e Valdemar de Oliveira, em meados do século XX, já me chamavam de “cidade anfíbia”. Embora algumas pessoas tivessem esse entendimento, era necessário que todos os meus habitantes se conscientizassem de que as águas são condição de minha existência, fazem parte de minha natureza e que, por isso, era necessário estabelecer uma convivência harmônica, na qual adaptação e proteção seriam imprescindíveis para minha sobrevivência.

Foi pensando nas questões climáticas que várias discussões se iniciaram e ganharam força. Em 2011, um importante movimento chamado Recife Exchange Amsterdam (RXA), em que se reuniram profissionais do Brasil e dos Países Baixos, deu um enorme passo quando, a partir de uma visão holística sobre mim, conseguiu me interpretar como Recife Árvore D'Água. Ao me observarem numa vista aérea revelou-se a imagem de uma árvore, onde as raízes são o mar, o tronco é o encontro das bacias hídricas e os galhos são meus rios. A partir dessa visão, concluíram que eu deveria ser reinventada com base no entendimento de que a natureza – meus rios, mangues, córregos, mar e vegetação – precisava ser aceita e acolhida.

Foi aí que nasceu a ideia de me transformarem em Cidade Parque, começando por planejar o Parque Capibaribe, somado ao Parque Beberibe, Parque Tejipió e Parque Marinho, com a meta de em 2037 eu estar em pleno processo de reinvenção.

O segundo encontro, em 2019, chamado Recife Exchange Holland (RXH), repensou meu Centro Histórico como centro da Cidade Parque. O terceiro, em 2021, denominado Recife Exchange Netherlands (RXN), elegeu o tema “Águas como Patrimônio: Visões e estratégias sobre a elevação do nível do mar no Recife e nos Países Baixos”. A partir dos debates entre pesquisadores e técnicos dos dois países, passou-se a pensar em formas de me proteger e de me adaptar às águas que, historicamente, sempre me constituíram.

Foi necessário me adaptar e me proteger. Mas para isso, meus habitantes tiveram que tomar algumas iniciativas. Consultei vários especialistas que estavam pensando em mim. Primeiro, entendi que as pessoas precisavam conhecer e compreender qual era o problema que me atingia. Um dos especialistas enfatizou que as mudanças climáticas são uma questão global, que trazem consequências distintas para diferentes regiões do planeta, e que por isso, iniciativas precisavam ser tomadas de uma maneira sistêmica, respeitando-se as especificidades de cada região.

Pode-se dizer que o oceano funciona como um sistema de refrigeração para a região tropical e de aquecimento para a região temperada, e o que faz as trocas térmicas são as correntes oceânicas. O problema passou a existir pela desregulação desse sistema.

Uma particularidade é que estou localizada na região tropical, na borda oeste do Atlântico, num dos pontos-chaves em que se pode monitorar com mais exatidão o padrão de transporte de transferência de calor da região tropical para os polos.

O que vinha acontecendo era a elevação do nível médio do mar e a ocorrência de chuvas extremas, que passaram a ser mais frequentes. A grande chave para resolver essas questões passava pelos oceanos. Não é à toa que a Organização das Nações Unidas considerou o horizonte 2021-2030 a década dos oceanos — ⅔ de nosso planeta é recoberto por eles. E, para mim, as previsões anunciavam horizontes preocupantes: que em 2050, o nível dos mares subiria cerca de 1,0m e, em 2100, essa cota de elevação chegaria a 2,0m, o que significava atingir toda a minha planície.

Outros especialistas contaram quais seriam as possíveis soluções em curto, médio e longo prazo. Disseram-me que uma das ações em curto prazo seria diminuir os impactos das mudanças climáticas pela redução das ilhas de calor. Como toda grande cidade gera ilhas de calor, isso poderia ser amenizado com o plantio de mais vegetação, com a criação de mais espaços públicos arborizados, com a renaturalização de cursos d'água, com mais espelhos d'água para auxiliar a drenagem, bem como com a redução da queima de combustível fóssil. Também seria importante não ocupar as margens dos rios, riachos e canais para permitir que as águas se espriassem quando fosse necessário, além de não aterrar os manguezais, ecossistemas que ajudam a amortecer os impactos dos alagamentos. Tenho capilaridade com minha rede de rios, riachos, canais e solos ainda não impermeabilizados, condição que possibilitaria a minha adaptação. Mesmo assim, meu risco de submergir era real.

Sugestões estratégicas de longo prazo também me foram apontadas: seria preciso devolver às minhas águas os espaços que antes lhes pertenciam; planejar novas edificações, levando-se em conta os impactos que poderiam acontecer com o aumento do nível do mar; criar mecanismos de adaptação e convivência com os alagamentos e, finalmente, planejar rotas de fuga para o caso de eventos extremos. Foi bom compreender que todo esse movimento ambiental estava apontando para o início de um processo de conscientização integrado aos movimentos de combate às desigualdades sociais e à adoção de novos paradigmas econômicos, a exemplo da economia verde e circular.

Os especialistas me mostraram que estávamos em um momento em que não nos era mais permitido pensar de modo fragmentado, ou individual. Os acontecimentos revelaram que nossa responsabilidade tem dimensão global. Assim, as perspectivas da minha existência também tinham dimensão global. O que implica afirmar que o que é feito aqui contribui para uma situação planetária e o que acontece no planeta tem reflexo aqui. O grande desafio de todos foi aprender a pensar e agir de forma sistêmica.

Hoje, reconheço que a minha reinvenção só foi possível quando as pessoas se organizaram em movimentos ambientais, econômicos, políticos e culturais na construção de uma nova ética diante do mundo. Penso que a visão urbanística, traduzida em um projeto de cidade, sintetiza a materialidade e a imaterialidade presentes no clamor desses vários movimentos cidadãos, força motriz das transformações.

Diante disso, observo que a convergência dos saberes científicos e populares revela a essência de uma cidade. Imagino-me servindo como laboratório de experimentações e inovações capaz de contribuir com o planejamento das futuras gerações, articulado com uma rede colaborativa e integradora do local com o global.

Eu, Recife anfíbio, sou a cidade dos corpos d'água, célula do planeta Terra, planeta água, planeta mãe; reaprendi a viver como sistema, me entender como unidade e parte de um conjunto. Precisei realinhar-me, alinhar-me com outras cidades e, sobretudo, com a natureza. Por me constituir essencialmente de águas, reconheço-as como patrimônio. É preciso conservá-las!

Sou um corpo anfíbio e pulsante. Meu futuro depende de cada um de vocês no exercício contínuo do entendimento e respeito às condições do legado que a natureza nos deixou.

Recife do Futuro

*Manifesto lançado no Recife, em 15 de outubro de 2021, no workshop Recife Exchange Netherlands (RXN), fruto de parceria entre a UFPE e o governo do Reino dos Países Baixos.

LETTER FROM THE RECIFE OF THE FUTURE TO THE RECIFE OF THE PRESENT

I am the City of Recife. My body holds history, filled with marks and memories. River, mangrove, and sea were the first to shape me. My name reveals my origin in the sandstone reefs that sprout at the doorstep of the sea, rich with corals, some of which are only found here.

I am the oldest capital of Brazil, the one that implemented the first Renaissance urban plan in the Americas, a pioneering mission by the Dutch in the 17th century. In 2037, I turned 500 years old. But this is not my true age. Before the Europeans arrived, the natives already inhabited and frequented me as the fish nursery that I was.

I was born aquatic, from the mix of fresh, salty, and brackish waters. I am a direct result of the relationship with my watercourses and bodies of water. However, over time, this relationship inverted, and I was transformed into a city turning its back on the rivers. My fresh waters were forgotten and turned into residual spaces. In this process, my floodplains disappeared through landfills and buildings. Forgetting the waters that originated me brought great consequences. I would be the first Brazilian city to succumb to rising sea levels if substantial changes in the way I was understood, planned and built did not happen. I, Recife, was the 16th most vulnerable city on the planet, according to the IPCC (UN), in 2014.

I always carried a hydric feature, and some recognized this. Josué de Castro and Valdemar de Oliveira, in the mid-20th century, already called me “amphibious city.” Although some people had this understanding, it was necessary for all my inhabitants to realize that the waters are a condition of my existence, part of my nature, and that, therefore, it was necessary to establish a harmonious coexistence, in which adaptation and protection would be essential for my survival.

Thinking about climate issues, various discussions began and gained strength. In 2011, an important movement called Recife Exchange Amsterdam (RXA), where professionals from Brazil and the Netherlands gathered, took a huge step when, from a holistic vision of me, they managed to interpret me as Recife Tree of Water. Observing me from an aerial view revealed the image of a tree, where the roots are the sea, the trunk is the meeting of the river basins, and the branches are my rivers. From this vision, they concluded that I should be reinvented based on the understanding that nature – my rivers, mangroves, streams, sea, and vegetation – needed to be accepted and embraced.

That’s when the idea of transforming me into a Park City was born, starting by planning the Capibaribe Park, along with Beberibe Park, Tejipió Park, and Marine Park, with the goal that by 2037 I would be in full reinvention process.

The second meeting, in 2019, called Recife Exchange Holland (RXH), rethought my Historic Center as the center of the Park City. The third, in 2021, named Recife Exchange Netherlands (RXN), chose the theme “Waters as Heritage: Visions and strategies on sea-level rise in Recife and the Netherlands.” From the debates between researchers and technicians from both countries, they began to think of ways to protect me and adapt me to the waters that have historically always constituted me.

It was necessary to adapt and protect me. But for that, my inhabitants had to take some initiatives. I consulted several specialists who were thinking about me. First, I understood that people needed to know and understand the problem that affected me. One of the specialists emphasized that climate change is a global issue, which brings different consequences for different regions of the planet, and therefore, initiatives needed to be taken in a systemic manner, respecting the specificities of each region.

It can be said that the ocean functions as a cooling system for the tropical region and a heating system for the temperate region, and what makes the thermal exchanges are the ocean currents. The problem arose due to the deregulation of this system.

One peculiarity is that I am located in the tropical region, on the western edge of the Atlantic, at one of the key points where the pattern of heat transfer from the tropical region to the poles can be monitored more accurately.

What was happening was the rise in average sea level and the occurrence of extreme rains, which became more frequent. The key to solving these issues lay with the oceans. It is no coincidence that the United Nations considered the horizon 2021-2030 as the decade of the oceans – ⅔ of our planet is covered by them. And for me, the forecasts announced worrying horizons: that by 2050, sea levels would rise by about 1.0m and by 2100, this rise would reach 2.0m, which meant reaching my entire plain.

Other specialists told me what the possible solutions would be in the short, medium, and long term. They said that one of the short-term actions would be to reduce the impacts of climate change by reducing heat islands. Like every large city, I generate heat islands, which could be mitigated by planting more vegetation, creating more green public spaces, renaturalizing watercourses, adding more water bodies to aid drainage, and reducing the burning of fossil fuels. It would also be important not to occupy the banks of rivers, streams, and canals to allow the waters to spread when necessary, and not to fill in mangroves, ecosystems that help cushion the impacts of floods. I have capillarity with my network of rivers, streams, canals, and soils that are not yet waterproofed, a condition that would allow my adaptation. Even so, my risk of submerging was real.

Strategic long-term suggestions were also pointed out to me: it would be necessary to return to my waters the spaces that once belonged to them; to plan new buildings, considering the impacts that could happen with the rise in sea level; to create mechanisms of adaptation and coexistence with floods, and finally, to plan escape routes in case of extreme events. It was good to understand that this entire environmental movement was pointing to the beginning of a process of awareness integrated with movements to combat social inequalities and the adoption of new economic paradigms, such as the green and circular economy.

The specialists showed me that we were at a moment when we could no longer think in a fragmented or individual way. The events revealed that our responsibility has a global dimension. Thus, the perspectives of my existence also had a global dimension. This implies saying that what is done here contributes to a planetary situation and what happens on the planet has a reflection here. The great challenge for everyone was to learn to think and act systemically.

Today, I recognize that my reinvention was only possible when people organized themselves into environmental, economic, political, and cultural movements in building a new ethics towards the world. I believe that the urbanistic vision, translated into a city project, synthesizes the materiality and immateriality present in the clamor of these various citizen movements, the driving force of transformations.

In light of this, I observe that the convergence of scientific and popular knowledge reveals the essence of a city. I imagine myself serving as a laboratory for experiments and innovations capable of contributing to the planning of future generations, articulated with a collaborative and integrative network of the local with the global.

I, amphibious Recife, am the city of water bodies, a cell of planet Earth, planet water, mother planet; I relearned to live as a system, to understand myself as a unit and part of a whole. I needed to realign myself, align myself with other cities, and above all, with nature. Because I am essentially made of waters, I recognize them as heritage. It is necessary to conserve them!

I am an amphibious and pulsating body. My future depends on each one of you continuously understanding and respecting the conditions of the legacy that nature has left us.

Recife of the Future

*Manifesto launched in Recife, on October 15, 2021, at the Recife Exchange Netherlands (RXN) workshop, the result of a partnership between UFPE and the government of the Kingdom of the Netherlands.